

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CAMPUS FREDERICO WESTPHALEN
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
JORNALISMO: BACHARELADO

Maria Eduarda Souza da Silva Cardomingo

A DRAMATIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO TRUE CRIME: UMA ANÁLISE DO FILME
“TED BUNDY: A IRRESISTÍVEL FACE DO MAL” (2019).

FREDERICO WESTPHALEN, RS

2024

Maria Eduarda Souza da Silva Cardomingo

**A DRAMATIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO TRUE CRIME: UMA ANÁLISE DO FILME
“TED BUNDY: A IRRESISTÍVEL FACE DO MAL” (2019).**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Jornalismo:
Bacharelado, do Departamento de
Ciências da Comunicação da
Universidade Federal de Santa Maria,
campus Frederico Westphalen.

Orientadora: Profa. Dra. Vera Sirlei Martins.

Frederico Westphalen, RS

2024.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, minha avó, meu irmão e minha madrinha por sempre apoiarem meus sonhos e nunca me deixarem desistir.

À minha mãe por ser minha base e estar ao meu lado sempre.

À minha amiga Luiza por ter enfrentado comigo essa fase, estando comigo nos bons e maus momentos.

Aos meus gatinhos por serem minha companhia e apoio emocional.

À minha orientadora por me guiar nesse trabalho e me ensinar muito sobre feminismo e sobre a vida.

À mim mesma.

“Just trust me, you’ll be fine.”

-End of Beginning,

Joe Keery.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
1.1 Justificativa:	10
1.2 Estado da arte:	10
1.3 Problematização	11
Objetivos específicos:	12
2 METODOLOGIA	13
2.1 Tem como corpus da pesquisa:	13
2.2 Procedimentos metodológicos:	14
Parte 2: Análise das cenas do filme	15
2.3 Análise Fílmica	16
2.4 Entendendo melhor a Hermenêutica	17
2.4.1 A Abordagem Hermenêutica na Análise Fílmica	18
3 TEORIAS DO JORNALISMO	20
3.1 Newsmaking	20
3.1.1 Origens e Desenvolvimento da Teoria do Newsmaking	20
3.2 Os Processos da Construção da Notícia	20
3.3 Influências na Construção da Notícia	21
3.3.1 Desafios e Críticas à Teoria do Newsmaking	21
3.4 Infotainment	22
3.5 TRUE CRIME: Definições, Origens e Impacto Cultural	23
3.6 Dramatização	24
4 VIOLÊNCIA DE GÊNERO	27
4.1 Violência de gênero nas mídias	29
5 ANÁLISE “TED BUNDY: A IRRESISTÍVEL FACE DO MAL.” (BERLINGER, 2019)	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	40

RESUMO

O presente trabalho tem como intuito trazer a discussão a respeito da dramatização do true crime como forma de violência contra as mulheres tendo como objeto de pesquisa o filme “Ted Bundy: a irresistível face do mal.” de Joe Berlinger lançado em julho de 2019. A problematização do tema surge a partir do ponto de que a mídia segue lucrando em cima de conteúdos de entretenimento sobre a violência contra as mulheres, assim sendo, o objetivo geral desta pesquisa é compreender como a dramatização do true crime pode se converter em uma forma de banalizar e romantizar a violência contra mulheres. Os aportes teóricos foram a teoria do newsmaking (PENNA, 2005); o infotainment (POSTMAN, 1985) e questões teóricas sobre a violência de gênero (BEAUVOIR, 1949), as metodologias usadas foram a pesquisa bibliográfica e a análise filmica. Como principal resultado é visto a conclusão de que se a dramatização pode ser uma ferramenta de educação social, dramatizar e romantizar um caso criminal é uma forma de violência contra as mulheres.

Palavras-chaves: True crime, violência de gênero, Ted Bundy, dramatização.

ABSTRACT

The present work aims to bring the discussion about the dramatization of true crime as a form of violence against women using the film “Ted Bundy: the irresistible face of evil” as its research object. by Joe Berlinger released in July 2019. The problematization of the topic arises from the point that the media continues to profit from entertainment content about violence against women, therefore, the general objective of this research is to understand how the dramatization of true crime can become a way of trivializing and romanticizing violence against women. The theoretical contributions were the theory of newsmaking (PENNA, 2005); infotainment (POSTMAN, 1985) and theoretical issues about gender violence (BEAUVOIR, 1949), the methodologies used were bibliographical research and film analysis. The main result is the conclusion that if dramatization can be a tool of social education, dramatizing and romanticizing a criminal case is a form of violence against women.

Keywords: True crime, gender violence, Ted Bundy, dramatization.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1- Quadro 1: Resumo da proposta analítica	16
FIGURA 2- Quadro 2: Resumo da análise	36
FIGURA 3- Imagem 1: Cartaz do filme	37

1 INTRODUÇÃO

Na última década houve o crescimento do consumo de conteúdos voltados ao true crime, segundo o IBOPE, no ano de 2020, esse gênero foi o segundo mais consumido em podcasts no Brasil. Documentários, filmes, séries, podcasts, as opções são intermináveis, e também se expandem para os livros.

O conceito de true crime, na tradução literal do termo significa “crime real”, mas de acordo com o Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP, 2020) é um gênero literário e cinematográfico de não ficção onde o autor analisa de forma detalhada as ações de um crime. Ainda segundo o IPUSP o conteúdo de obras true crime são majoritariamente jornalísticos, contendo gravações de áudios e imagens, documentos oficiais e entrevistas, além de ter como característica a ação de dar voz aos criminosos.

A mídia tem transformado casos criminais em entretenimento ¹, mas quase ninguém pergunta qual o sentido que isso produz na sociedade. De acordo com uma matéria do jornal Estadão, o seriado “Com Dahmer: um canibal americano.”, que contém assuntos como estupro, canibalismo e necrofilia, tem mais de oitocentos e cinquenta milhões de horas assistidas (2022). No ano de 2022, em uma lista divulgada pela plataforma do Spotify, dentre os cinco podcast mais ouvidos no Brasil, em segundo lugar está o podcast “A mulher da casa abandonada”, uma produção narrativa e investigativa da Folha de São Paulo. A editora Darkside (2024), voltada a publicação e venda de livros de fantasia e terror, tem uma página em seu site dedicada somente a livros true crime e conta com mais de 40 obras.

Uma reportagem de março de 2024 do Canal Ciências Criminais mostra que as mulheres representam até 87% do público consumidor de true crime e que, de acordo com psicólogos especialistas, uma das principais razões é estudar a própria segurança através desse tipo de conteúdo. Casos de assassinatos cruéis cometidos por homens, tendo como vítima as mulheres, não são raros.

De acordo com uma reportagem da Folha de São Paulo (2023), mil e quatrocentos feminicídios foram cometidos no Brasil em 2022, segundo dados da 17ª edição do Anuário Brasileiro de Segurança Pública, o que representa um aumento de 6,6% em relação á 2021. Dados divulgados pela Organização das Nações Unidas (ONU), em novembro de 2022, apontam que em 2021 foram 81,1 mil assassinatos de mulheres ao redor do mundo, e dentre esse número 56% foram mortas pelo marido, parceiro ou outro membro da família.¹

¹ <https://darkside.blog.br/10-filmes-inspirados-em-crimes-reais/>

Casos de extrema violência contra as mulheres, as vezes, ganham livros; séries; filmes; podcasts; centenas de reportagens. No jornal New York Times, por exemplo, ao digitar “Serial Killer” na barra de procura aparece mais de 7 mil reportagens, sendo a mais recente datada em 20 de julho de 2024.² Alguns desses casos ficaram bem famosos.

Dennis Rader, era mais conhecido por BTK: *Bind, Torture, Kill*. (amarrar, torturar, matar). Responsável por mais de dez mortes, Rader foi procurado pela polícia dos EUA por mais de trinta anos. O assassino é mais conhecido por sua façanha de “conversar” com a polícia através de cartas enviadas aos jornais locais, que continham detalhes macabros sobre os crimes³. A revista Galileu (2019), em sua reportagem “Quem é Dennis Rader, serial killer que se autodenominava ‘Assassino BTK’”, traz relatos de Rader onde ele diz que sentia satisfação sexual estrangulando suas vítimas, que eram majoritariamente mulheres. BTK segue vivo e cumprindo pena no Kansas, EUA.

O jornal O Extra, da Globo, fez uma reportagem em 2018 contando a história de Robert Pickton, um homem de 68 anos que assassinou 49 mulheres entre 1991 e 2002. O fazendeiro, além de ser cruel com suas vítimas, misturava os restos mortais com carne de porco e vendia o produto. Quando foi preso disse que se arrependia de não ter feito mais uma vítima, segundo ele, queria que fosse um número redondo.

O próximo caso a ser apresentado é o tema deste trabalho, o caso criminal que inspirou a criação de tantos entretenimentos, incluindo o filme analisado. A escolha deste caso se justifica por ser um crime ocorrido na década de 70 que continua gerando conteúdos de entretenimento - Ted Bundy: um estranho ao meu lado (RULE, 1980), Ted Bundy: apaixonada por um *Serial Killer* (WOOD, 2020), Conversando com um *Serial Killer*: Ted Bundy (Netflix, 2019) - 50 anos depois do crime, um criminoso constantemente lembrado por sua aparência atraente, que justifica seus crimes culpabilizando a própria mãe, um caso de violência extrema que, por várias vezes, é romantizado.

“Nós, serial killers, somos seus filhos, seus maridos, estamos em toda parte. E haverá mais de suas crianças mortas amanhã”. Essa frase foi dita por Ted Bundy, um serial killer que confessou ter assassinado mais de trinta mulheres na década de 70. Segundo um artigo da revista Canal Ciências Criminais (2016), ele abordava jovens mulheres, fingindo estar machucado e pedindo ajuda para carregar compras até seu carro, atacava, sequestrava, estuprava e matava suas vítimas. Ao ser preso, quando foi ser avaliado por médicos, Bundy disse sentir raiva das mulheres por causa de sua mãe, que fingiu ser irmã de Ted durante toda

² <https://www.nytimes.com/search?query=serial+killer>

sua infância e adolescência ³. Todas as vítimas eram fisicamente parecidas com a mãe de Ted Bundy.

Assim, dentro desse tema, esta pesquisa busca fazer um trabalho de analisar como a mídia, por meio da dramatização, transforma casos criminais em entretenimento.

1.1 Justificativa:

Casos criminais são exatamente isso: crimes. Transformar isso em entretenimento pode significar banalizar e romantizar a violência, e combater esse tipo de visão é dar um passo à frente no combate à violência contra a mulher. Esta é a relevância deste estudo.

Apesar de muitos estudos sobre violência contra mulher, consumo de mídia em massa e serial killer, problematizar essa articulação reforça a necessidade de discutir um assunto essencial no combate à violência contra mulheres. Quando analisamos o contexto social em que vivemos, ou seja, uma sociedade capitalista movida pelo lucro, é compreensível o jornalismo ter se tornado um negócio, mas não justifica participar da midiaticização do true crime. Por isso nós precisamos questionar esse posicionamento.

Mas e qual a importância pessoal que essa pesquisa tem? Sempre fui interessada em jornalismo investigativo e true crime, é uma área que pretendo me especializar após a graduação e esse trabalho é o primeiro passo para construir uma carreira profissional.

1.2 Estado da arte:

Para entender o contexto teórico onde o tema desta pesquisa se insere, buscamos conhecer o contexto da produção acadêmica sobre true crime e violência contra mulher. Consta-se que há uma escassez de materiais com o exato mesmo enfoque que esse trabalho, no entanto, há uma vasta gama de materiais que quando juntos são essenciais para a produção dessa pesquisa. Todos os trabalhos foram encontrados ou encaminhados a partir do Google Acadêmico.

No livro Teoria do Jornalismo, Pena (2005) fala sobre a teoria organizacional, colocando o jornalismo como um negócio comercial. Essa teoria vai nos ajudar a entender como uma produção de mídia em massa corrobora para o aumento da fabricação de conteúdos de true crime.

³ Informação retirada do livro BTK Profile: Máscara da maldade (2019)
<https://www.darksidebooks.com.br/btk-profile-o-retrato-da-maldade-drk-x/p>

Desse modo Aragone (2022), em seu artigo “O consumo também é em série: a figura do Serial Killer como produto midiático” vai ajudar a entender como esse tipo de produção é feita para ser consumida de maneira contínua. Além disso, o artigo reúne um conjunto de referências que abordam aspectos importantes para esse trabalho.

Outro trabalho relevante para este item, é o trabalho de conclusão de curso de Miranda (2023), intitulado “Simpatia pelo diabo: um estudo da relação entre mídia, fascínio e crime no Brasil”, que situa o tema dentro da teoria da Indústria Cultural.

Uma outra chave importante para a construção do trabalho é falar sobre questões de gênero e feminicídio, principalmente voltadas para a mídia. Nesse sentido, o artigo de Marinho (2021), que apresenta uma análise sociológica das redes sociais como lugar de cobertura midiática de crimes cometidos contra mulheres.

Tendo em vista o que até aqui foi dito, os trabalhos apresentados durante o estado da arte vão servir de base para as minhas reflexões sobre qual é o papel do true crime na normalização da violência contra a mulher e sobre como a mídia participa disso.

1.3 Problematização

Mesmo com todo o combate à violência contra as mulheres, a mídia continua produzindo e lucrando com conteúdos de crueldade e ódio contra elas. Mauro Wolf (1985) foi o primeiro a trazer a Teoria do Newsmaking (TUCHMAN, 1978) para a comunicação. Essa teoria traz a ideia da mudança na produção jornalística, colocando a rotina produtiva em analogia a uma produção industrial. No newsmaking as empresas jornalísticas estabelecem práticas unificadas para organizar, temporal e espacialmente, as produções, e são elas: noticiabilidade, sistematização e valores-notícia. Esse último ponto é essencial no mercado jornalístico, pois carrega os recursos necessários para além de garantir o furo de notícia, chamar mais atenção do público leitor, assegurando mais vendas e mais visualizações.

A teoria do Newsmaking (TUCHMAN,1978) torna-se concreta com ações das próprias mídias. Um exemplo disso é a cobertura do Caso Eloá. Em 17 de outubro de 2008, a jovem, de apenas 15 anos, foi assassinada pelo ex-namorado após mais de 100 horas de cárcere privado.⁴ No dia 13, Lindemberg Alves Fernandes invadiu a casa da jovem, que estava com mais três amigos, e manteve todos como refém até a noite do dia 17, quando a polícia do estado de São Paulo fez o resgate. A cobertura midiática desse caso precisa ser ressaltada: durante o sequestro Lindemberg entrou ao vivo no programa “A tarde é sua”, da

⁴ <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/caso-eloá/noticia/caso-eloá.ghtml>

RedeTV, apresentado pela jornalista Sônia Abrão. A apresentadora entrou em contato com o sequestrador por telefone, atrapalhando e interferindo nas negociações. Imagens de Eloá, chorando e pedindo por ajuda, foi passada em jornais da Record e Rede Globo. Eloá foi morta com um tiro na cabeça e outro na virilha e sua amiga, que também foi mantida em cárcere privado, sobreviveu a um tiro no rosto. Esta cobertura nos permite questionar até que ponto a mídia se mobilizou pela noticiabilidade e o quanto da compreensão do lucro que o caso daria também participou das decisões sobre como fazer a cobertura.

Assim o objetivo geral desta pesquisa é compreender como a dramatização do true crime pode se converter em uma forma de banalizar e romantizar a violência contra mulheres. Para isso irei estudar analisar o filme *Ted Bundy: a irresistível face do mal* (2019, Berlinger) e buscar responder a pergunta: qual a relação entre dramatização de true crime e violência contra as mulheres?

Objetivos específicos:

- Estudar a teoria do true crime no intuito de entender sua popularização nas mídias.
- Compreender a teoria do infotimento.
- Entender como a dramatização do true crime é uma forma de violência contra a mulher
- Abordar, de forma teórica a violência contra as mulheres, numa abordagem de relações de gênero.
- Selecionar e analisar cenas do filme *Ted Bundy: a irresistível face do mal* (Berlinger, 2019) que apresentem aspectos de banalização e romantização da violência contra mulheres
- Sistematizar elementos da dramatização e dos sentidos produzidos nas cenas analisadas.

2 METODOLOGIA

Nesse capítulo apresentarei a metodologia usada nesse trabalho, ou seja, os procedimentos para chegar nos resultados desejados. Para uma melhor compreensão, apresento primeiro o corpus da pesquisa, ou seja, a contextualização do filme Ted Bundy: a irresistível face do mal. (Berlinger, 2019, on line), e em seguida os procedimentos metodológicos.

2.1 Tem como corpus da pesquisa:

Todos os elementos a serem analisados estão no filme Ted Bundy: a irresistível face do mal. (Berlinger, 2019, on line). Lançado em julho de 2019 e estrelado pelo ator americano Zac Efron e a atriz e escritora britânica Lily Collins, o filme do diretor Joe Berlinger alcançou mais de nove milhões em bilheteria e recebeu indicações ao People's Choice Award como melhor filme de drama.

O filme é narrado pela visão de Elizabeth (Lily Collins), namorada de Ted Bundy (Zac Efron), que não sabia sobre os crimes que seu parceiro cometia e acreditou por muito tempo em sua inocência. Uma das características do enredo é deixar o espectador sem saber do que estava acontecendo, assim como Elizabeth não sabia de nada.

O enredo do filme, além da tentativa de perpetuar o estereótipo de que mulheres não sabem reconhecer ou se defender do perigo, é a dramatização de um crime real e cruel. Ted Bundy estuprou, torturou e assassinou mais de trinta mulheres, e o filme transforma esse caso em um produto de entretenimento.

Ao todo foram 21 cenas, além do título, escolhidas e analisadas, são elas:

1. Título- Ted Bundy, a irresistível face do mal
2. Cena 1- Minutagem 05 '49 " até 06' 13"
3. Cena 2- Minutagem 06' 35" até 07' 25"
4. Cena 3- Minutagem 09' 02" até 10' 53"
5. Cena 4- Minutagem 14' 47" até 15' 16"
6. Cena 5- Minutagem 15' 18" até 16' 05"
7. Cena 6- Minutagem 20' 34" até 21' 50"
8. Cena 07- Minutagem 23' 01"
9. Cena 08- Minutagem 33' 05" até 34' 19".
10. Cena 09- Minutagem 35' 02" até 38' 07"
11. Cena 10- Minutagem 38' 23" até 39' 37"

12. Cena 11- Minutagem 45' 56" até 48' 04":
13. Cena 12- Minutagem 48' 09" até 49' 22"
14. Cena 13- Minutagem 50' 33" até 51' 05"
15. Cena 14- Minutagem 52' 29" até 53' 53"
16. Cena 15- Minutagem 54' 44" 56' 19"
17. Cena 16- Minutagem 60' 33" até 61' 47"
18. Cena 17- Minutagem 61' 55" até 63' 47"
19. Cena 18- Minutagem 63' 57" até 64' 26"
20. Cena 19- Minutagem 64' 31" até 65' 01"
21. Cena 20- Minutagem 76' 41" até 78' 48"
22. Cena 21- Minutagem 92' 23" até 99' 11"

2.2 Procedimentos metodológicos:

Os procedimentos metodológicos são os processos necessários para coletar dados, informações e, por fim, analisar o corpus da pesquisa. Considerando o tema aqui pesquisado, esses procedimentos serão divididos em duas partes: uma para os processos teóricos da pesquisa e outra para a parte analítica.

Parte 1: A parte teórica do presente trabalho usará a pesquisa bibliográfica para compreender os aspectos necessários para elaborar a análise proposta. Segundo Lakatos e Marconi (2003), a pesquisa bibliográfica é um método essencial para situar o pesquisador no contexto atual da área de estudo, permitindo identificar lacunas no conhecimento existente. O mesmo diz Gil (2002), ao afirmar que a pesquisa bibliográfica auxilia na definição de conceitos-chave e na formulação de hipóteses. Além disso, a revisão da literatura permite identificar as diferentes abordagens teóricas adotadas por diversos pesquisadores, contribuindo para a construção de uma perspectiva crítica e fundamentada.

Machado et al. (2015) enfatizam que a pesquisa bibliográfica não se limita apenas à coleta de dados, mas também à análise e interpretação crítica das informações obtidas. Dessa forma, ela não apenas fornece uma visão histórica e evolutiva do tema, mas também permite a contextualização do problema de pesquisa no cenário atual. Ou seja, a pesquisa bibliográfica aqui aplicada servirá para coletar fontes de informação, auxiliar no processo de entendimento dos aspectos teóricos e embasar o contexto sociocultural que estamos inseridos.

Nesta pesquisa isso se refere ao estudo e sistematização de teorias relativas à Newsmaking, Infotainment, Dramatização, e Violências de Gênero.

Parte 2: Análise das cenas do filme

Esta segunda parte descreve como as cenas do filme foram analisadas. Este procedimento iniciou com a seleção de 21 cenas. Para a análise das mesmas utilizamos de elementos da semiologia, segundo Saussure (1915). A semiologia é um termo sinônimo da semiótica que foi usado pelo suíço linguista Ferdinand de Saussure, onde ele entendia a semiologia como uma ciência da comunicação. De acordo com o livro Comunicação e Produção de Sentido (Pirola, Henriques, 2020) a semiologia de terceira geração, que ocorreu entre as décadas de 80 e 90, tem como intuito analisar o funcionamento do sentido tendo como ponto de partida o discurso.

A semiologia tem como uma de suas principais funções aprimorar a comunicação e com isso analisar o comportamento humano social e, também, a organização da sociedade. É aqui que ela se encaixa no meu trabalho, com a função de analisar como um crime inserido no meio jornalístico é transportado e transformado em um drama cinematográfico que produz sentidos de romantização, sexualização e banalização.

Como vou analisar um filme e posteriormente os sentidos que esse signo causa, o ponto de partida também é o discurso, por isso, essa ciência de análise é importante para o meu trabalho.

Quadro 1: Resumo da proposta analítica.

Descrição das cenas	Inventário de emoções acionadas nas cenas
Cena 1	
Cena 2	

Fonte: elaborado pela autora

2.3 Análise Fílmica

A análise fílmica é uma disciplina multidimensional que busca compreender não apenas os elementos técnicos e estilísticos de um filme, mas também seu contexto histórico, o impacto cultural e suas camadas de significado. Desde os primórdios do cinema, teóricos e críticos têm desenvolvido abordagens diversas para desvendar as complexidades das obras cinematográficas, proporcionando debates que melhoram nossa compreensão do cinema como uma forma de arte e expressão cultural.

Para iniciar nossa jornada pela análise fílmica, é crucial entendermos os fundamentos teóricos que a sustentam. Um dos pioneiros nesse campo foi Sergei Eisenstein (1929), cujas teorias sobre a montagem mudaram a maneira como entendemos a estrutura narrativa do cinema. O autor argumentava que o significado de um filme não reside apenas nas imagens individuais, mas na maneira como essas imagens são organizadas e editadas. Para Eisenstein (1929) a essência do cinema se encontra na montagem. Esta visão destacou a importância da edição como uma ferramenta poderosa para manipular as emoções e as interpretações do público. Emoção e interpretação serão fundamentais para analisarmos o filme “Ted Bundy: a irresistível face do mal.” (Berlinger, 2019), já que o intuito é mostrar como o sentido produzido por essas interpretações e as emoções geradas podem ser uma forma de violência contra as mulheres.

Além de Eisenstein, outros teóricos importantes contribuíram significativamente para a análise fílmica. André Bazin (1967), por exemplo, defendeu uma abordagem mais realista e ontológica, argumentando que o cinema captura a realidade de maneira única através de sua capacidade de registrar o mundo sem manipulação excessiva. Bazin contrastava com a abordagem de Eisenstein (1929) ao valorizar a continuidade espacial e temporal dentro de uma cena, destacando a importância da profundidade de campo e da longa tomada (Bazin, 1967).

No entanto, a análise fílmica vai além das teorias estritamente formais. Ela também engloba o estudo das representações culturais e ideológicas presentes nos filmes. Laura Mulvey (2013), crítica cinematográfica e feminista, introduziu o conceito de "olhar masculino" no cinema, argumentando que a representação visual dominante nos filmes tendia a reforçar a posição de poder masculina na sociedade (Mulvey, 2013). Mulvey (2013) desafiou as convenções cinematográficas tradicionais, promovendo uma reflexão crítica sobre o papel do espectador e a dinâmica de gênero na produção cinematográfica.

Além das teorias clássicas, a análise fílmica contemporânea incorpora uma variedade de abordagens interdisciplinares. Estudiosos como David Bordwell e Kristin Thompson

(2013) têm explorado a narrativa cinematográfica através de uma lente cognitiva e psicológica, investigando como os filmes constroem padrões narrativos que influenciam a percepção e a experiência do espectador (Bordwell e Thompson, 2013). Essa abordagem ressalta a importância de considerar não apenas o que está visível na tela, mas também os processos mentais e emocionais desencadeados pela narrativa cinematográfica.

Para uma compreensão do tema estudado, dentro de uma abordagem sociocultural, nos apoiamos também em aspectos da hermenêutica (GADAMER, 1976). Para estabelecer uma relação entre análise fílmica e hermenêutica, é essencial explorar como esses campos se entrelaçam na interpretação e compreensão de filmes. A análise fílmica se refere ao estudo crítico e sistemático dos elementos que compõem um filme, como narrativa, personagens, *mise-en-scène*⁵, cinematografia, entre outros. Por outro lado, a hermenêutica é uma abordagem filosófica que se concentra na interpretação e compreensão de textos, incluindo obras visuais como filmes, buscando desvelar significados subjacentes e contextos culturais e sociais.

2.4 Entendendo melhor a Hermenêutica

A hermenêutica é uma disciplina filosófica que se concentra na teoria e na prática da interpretação. Originada na Grécia Antiga, a hermenêutica evoluiu ao longo dos séculos, influenciada por uma variedade de tradições filosóficas e religiosas. O termo "hermenêutica" deriva do nome do deus grego Hermes, mensageiro dos deuses e guardião dos limites entre o mundo divino e humano. Na Grécia Antiga, a hermenêutica estava associada à arte da interpretação dos textos sagrados e à comunicação entre os deuses e os mortais. No entanto, foi na tradição judaico-cristã que a hermenêutica assumiu um papel central, especialmente na interpretação das Escrituras.

A hermenêutica moderna, como disciplina filosófica, começou a se desenvolver no século XVIII, com pensadores como Schleiermacher e Dilthey. Schleiermacher, (1978), propôs uma abordagem hermenêutica centrada na compreensão das intenções do autor. Dilthey (1996), por sua vez, enfatizou a importância da compreensão histórica e cultural na interpretação dos textos.

Martin Heidegger e Hans-Georg Gadamer foram importantes figuras no desenvolvimento da hermenêutica fenomenológica. Heidegger (1927) argumentou que a

⁵ Expressão cinematográfica que significa encenação
<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/a-traducao-da-expressao-mise-en-scene/22608#:~:text=Trata%2Dse%20de%20express%C3%A3o%20francesa,Portuguesa%202003%20da%20Porto%20Editora%5D>.

compreensão está fundamentalmente ligada à nossa existência no mundo. Gadamer (1960) elaborou a ideia de que a compreensão é um processo dialógico, no qual o intérprete e o texto se influenciam mutuamente.

Na tradição marxista, a hermenêutica crítica busca desvendar as estruturas de poder subjacentes aos textos e discursos. Autores como Benjamin (1969) e Foucault (1969) exploraram como as relações de poder moldam nossas interpretações do mundo.

A hermenêutica não se limita apenas à interpretação de textos filosóficos ou religiosos. Ela também é amplamente utilizada em campos como a jurisprudência, a psicologia, a teoria literária e as ciências sociais. Por exemplo, na psicologia clínica, a hermenêutica é aplicada na interpretação dos discursos dos pacientes para compreender suas experiências e significados subjetivos. À medida que avançamos no século XXI, a hermenêutica continua a ser uma área de pesquisa em constante evolução.

2.4.1 A Abordagem Hermenêutica na Análise Fílmica

Hermenêutica, como prática interpretativa, encontra na análise fílmica um campo fértil para sua aplicação. Hans-Georg Gadamer (1976), um dos principais teóricos da hermenêutica contemporânea, argumenta que a compreensão de qualquer texto, inclusive filmes, envolve um processo dialógico entre o espectador e a obra. Gadamer (1976) enfatiza que o sentido de um filme não está simplesmente presente na obra, mas é construído pelo espectador através de seu próprio horizonte de compreensão cultural e experiencial.

Em filmes, esse processo hermenêutico se manifesta na interpretação de símbolos, metáforas e temas subjacentes que não são explícitos. Os signos, da semiologia, mais uma vez se mostram presentes no processo de análise e interpretação. Por exemplo para Ridley Scott (1982) a análise hermenêutica poderia explorar a interação entre humanos e replicantes não apenas como uma narrativa de ficção científica, mas como uma reflexão sobre a identidade, a moralidade e a natureza da consciência.

Alguns teóricos contemporâneos têm explorado as convergências entre hermenêutica e teorias fílmicas específicas. Jacques Derrida (1960), conhecido por suas contribuições à desconstrução, desafia as interpretações tradicionais ao destacar as ambiguidades e contradições nos textos, uma abordagem que pode ser aplicada para revelar as tensões subjacentes em filmes complexos.

Além disso, a análise fílmica contemporânea muitas vezes incorpora métodos interdisciplinares que refletem uma sensibilidade hermenêutica. Por exemplo, a análise

semiótica de filmes de Roland Barthes e Umberto Eco não apenas decodifica os signos visuais, mas também os situa dentro de um sistema de significados que são interpretados através de um processo hermenêutico de negociação entre o texto e o espectador. Assim podemos entender como a semiologia e a hermenêutica conversam entre si.

Em suma, a análise fílmica e a hermenêutica compartilham um compromisso com a interpretação e compreensão de textos complexos, como filmes, reconhecendo que o sentido não é fixo, mas é construído através de um diálogo interpretativo e do contexto social no qual o filme está inserido.

3 TEORIAS DO JORNALISMO

3.1 Newsmaking

O fazer jornalístico é estudado através de teorias, e entre as várias vertentes existentes, a teoria do Newsmaking é uma das principais a abordar o fazer jornalístico como um processo empresarial, ou seja, um negócio visando o lucro. Essa teoria é importante para a minha pesquisa por embasar a visão de como a mídia, ao visar o lucro, pode produzir conteúdos que reflitam negativamente na sociedade.

3.1.1 Origens e Desenvolvimento da Teoria do Newsmaking

A teoria do Newsmaking surgiu na década de 1960 e desafiou a visão tradicional de que os jornalistas simplesmente relatavam os acontecimentos como eles aconteciam, mantendo uma abordagem objetiva e imparcial. Gans (1979) argumenta que os jornalistas desempenham um papel ativo na determinação de que se torna notícia, selecionando, enfatizando e interpretando eventos de acordo com suas próprias perspectivas e valores.

No entanto, a teoria do Newsmaking evoluiu com o tempo e se tornou mais desenvolvida à medida que pesquisadores e acadêmicos exploraram os fatores que influenciaram a construção da notícia. Gaye Tuchman (1978) introduziu a ideia de "objetividade interpretativa", argumentando que os jornalistas frequentemente moldam a notícia com base em suas próprias interpretações e pressupostos, enquanto ainda buscam manter uma aparência de imparcialidade.

3.2 Os Processos da Construção da Notícia

A teoria do Newsmaking se concentra em vários processos fundamentais que moldam a produção jornalística. O primeiro deles é o "Gatekeeping", onde os jornalistas atuam decidindo quais eventos merecem cobertura jornalística e quais são ignorados. O sociólogo David White (1949) ilustra como essa seleção ocorre em diferentes estágios do processo de produção de notícias. O segundo processo é chamado de "Gatewatching", nesse processo, além de selecionar notícias, os jornalistas também monitoram as fontes de informação, como agências de notícias e redes sociais, para acompanhar eventos em tempo real. Burns (2017) explora como o jornalismo digital alterou o processo de vigilância.

O próximo processo ficou conhecido como "*Agenda-Setting*", que é basicamente a influência da mídia na percepção pública da importância de diferentes tópicos, destacando

certos assuntos e negligenciando outros. McCombs e Shaw (1972) destacam como os meios de comunicação podem influenciar a agenda de preocupações do público. Seguindo na lista dos processos de produção jornalística, temos o “Enquadramento”, que diz respeito aos jornalistas que moldam a interpretação dos eventos por meio do enquadramento, destacando aspectos específicos de uma história. Goffman (1974) contribuiu para a compreensão de como as estruturas de enquadramento afetaram a maneira como o público percebe a notícia.

Por último vem as “Fontes de Notícias” que são as escolhas das fontes e a relação entre jornalistas e fontes, esses dois são fatores-chave na construção da notícia. Tuchman e Freedman (1973) investigaram como os jornalistas selecionaram e construíram relacionamentos com fontes de notícias.

3.3 Influências na Construção da Notícia

A teoria do Newsmaking (PENNA, 2005) destaca várias influências e fatores que afetam a produção jornalística. As primeiras são “Valores e Normas dos Jornalistas” onde os valores, implicações e normas pessoais dos jornalistas desempenham um papel importante na seleção e apresentação das notícias. A segunda leva de influências são as “Pressões Econômicas”, que são as dificuldades enfrentadas pelas organizações de mídia, como orçamentos limitados e a necessidade de atrair audiência.

Existem mais duas influências que interferem na produção jornalística, e são elas os “Viés e Parcialidade”, ou seja, a teoria do Newsmaking (PENNA, 2005) confirma que os jornalistas podem ser influenciados por viés político, econômico e social. E por último temos as “Pressões do Tempo”, o principal ponto que aproxima a produção de notícias com uma produção industrial são os prazos apertados e a necessidade de cobrir eventos em tempo real, o que pode afetar a qualidade e a profundidade da reportagem.

3.3.1 Desafios e Críticas à Teoria do Newsmaking

A teoria do Newsmaking não está isenta de desafios e críticas. Alguns argumentam que a ênfase na subjetividade dos jornalistas pode levar à perda de confiança na mídia e à percepção de parcialidade. Além disso, a digitalização e a segurança das fontes de informação online desafiam a noção tradicional de "gatekeepers" na era digital.

Outra crítica é que a teoria do Newsmaking pode ser determinista, indicando que os jornalistas têm um controle total sobre a construção da notícia, desconsiderando influências políticas e econômicas mais amplas.

A teoria do Newsmaking teve um impacto significativo na prática jornalística. Jornalistas e redações agora reforçam a importância de reflexão sobre seus próprios processos de seleção e apresentação de notícias. A ética jornalística e a transparência na tomada de decisões editoriais são cada vez mais valorizadas.

Além disso, a era digital trouxe novos desafios e oportunidades para a construção da notícia. A mídia social e o jornalismo cidadão permitem que uma variedade de vozes e perspectivas contribuam para a narrativa jornalística. No entanto, isso também levanta questões sobre a qualidade e a fiabilidade da informação num ambiente digital.

A teoria do Newsmaking é fundamental para entender como as notícias são criadas e moldadas pela mídia e pelos jornalistas. Ela destaca a influência ativa dos jornalistas na seleção, apresentação e interpretação das notícias, bem como os numerosos fatores que afetam esse processo. Embora a teoria tenha suas críticas e desafios, ela continua a ser uma parte essencial do estudo do jornalismo e desempenha um papel importante na prática jornalística contemporânea.

3.4 Infoteniemento

O fenômeno do infoteniemento, uma fusão das palavras "informação" e "entretenimento", é uma característica proeminente da paisagem midiática contemporânea. O termo "infoteniemento" foi popularizado pelo sociólogo Neil Postman (1985), o autor argumenta que a sociedade contemporânea está cada vez mais imersa no entretenimento, em detrimento da informação séria. Ele destaca como a televisão, em particular, contribui para essa tendência ao apresentar informações de maneira envolvente, mas muitas vezes superficial.

Douglas Kellner (1995), adota uma abordagem crítica em relação ao infoteniemento. Kellner alerta para os perigos da banalização da informação e da redução de questões complexas a narrativas simplificadas, o que pode contribuir para a disseminação da desinformação e para a polarização política.

Por outro lado, Henry Jenkins (2006) destaca o potencial educativo do infoteniemento. Jenkins argumenta que formas de mídia contemporâneas, como programas de televisão,

filmes e videogames, podem servir como ferramentas poderosas para a educação, transmitindo informações de maneira envolvente e imersiva.

Joshua Meyrowitz (1985) examina o impacto do infotimento na sociedade. Meyrowitz argumenta que a mídia eletrônica tem o poder de democratizar o acesso ao conhecimento e de quebrar barreiras sociais ao expor as pessoas a uma variedade de culturas e perspectivas.

À medida que o infotimento continua a moldar a paisagem midiática, é crucial abordar tanto suas potencialidades quanto suas limitações. Vemos aqui a dualidade do infotimento, que pode ser usado de maneira eficaz para educar e engajar o público, ao mesmo tempo em que pode banalizar a informação causando a disseminação da desinformação.

No caso do Ted Bundy o infotimento, que só se popularizou uma década após os crimes, está entrelaçado em sua difusão. Existem podcasts, livros, filmes, vídeo em redes sociais, entre muitas outras formas de infotimento, sobre o serial killer e seus feitos. A notícia do crime que antes circulava em jornais, e que aconteceu nos Estados Unidos da América, hoje é transmitido por todo o mundo em diversas formas.

3.5 TRUE CRIME: Definições, Origens e Impacto Cultural

Dentro do contexto do infotimento temos o true crime, um gênero popular de mídia que aborda histórias reais de crimes, investigações e julgamentos, tem uma longa história e uma influência significativa na cultura contemporânea. O true crime, como o próprio nome sugere, refere-se à representação factual de crimes reais. Katherine Ramsland (2017) define o true crime como um gênero que abrange uma ampla gama de formas de mídia, incluindo livros, documentários, podcasts e programas de televisão, que narram eventos criminosos autênticos.

As origens do true crime remontam a tempos antigos, quando relatos de crimes eram transmitidos oralmente como forma de entretenimento e advertência pública. No entanto, foi no século XIX que o true crime começou a se popularizar como gênero literário. Harold Schechter (2008) destaca como os jornais sensacionalistas da época publicavam relatos detalhados de crimes famosos, despertando o interesse do público por histórias de violência e criminalidade.

Ao longo do século XX, o true crime continuou a evoluir, adaptando-se aos avanços tecnológicos e mudanças na mídia. Ann Rule (1980) é uma das autoras mais conhecidas do gênero por suas narrativas envolventes sobre crimes reais. E Ann escreveu sobre quem? Isso

mesmo, Ted Bundy, o livro “Um estranho ao meu lado” (1980) é sobre o assassino que protagoniza o caso que estamos estudando, relatando os anos em que trabalhou ao lado do *serial killer*. Com o advento da televisão e da internet, o true crime ganhou novos formatos, como documentários em série, podcasts investigativos e blogs dedicados à análise de casos criminais.

O true crime exerce um poderoso fascínio sobre o público, alimentando o interesse humano pela psicologia do crime e pela busca por justiça. Karen Halttunen (1998) explora como o true crime reflete e molda as ansiedades sociais de uma determinada época, oferecendo compreensões sobre questões como violência, moralidade e justiça.

Apesar de sua popularidade, o true crime também é objeto de críticas e controvérsias. Algumas pessoas argumentam que o gênero explora sensacionalmente tragédias reais, enquanto outras levantam preocupações éticas sobre a exploração das vítimas e suas famílias. Janet Malcolm (1989) questiona a ética dos jornalistas que lucram ao cobrir casos criminais.

O true crime é um gênero multifacetado que cativa o público há séculos. Suas origens históricas remontam a tempos antigos, mas seu impacto na cultura contemporânea é inegável. Na atualidade o true crime representa uma das formas de dramatização, ou seja, é um caso criminal real transformado em um enredo cinematográfico.

3.6 Dramatização

A dramatização é uma técnica fundamental tanto no campo da educação quanto no da arte cênica, envolvendo a representação de situações através da interpretação de personagens. Este processo permite aos participantes explorar e expressar emoções, ideias e narrativas de maneira viva e palpável, proporcionando uma experiência imersiva tanto para quem atua quanto para quem assiste. (ALMEIDA, 2013)

O termo "dramatização" tem raízes no teatro, uma forma de arte ancestral que remonta à Grécia antiga, onde peças dramáticas eram encenadas para grandes plateias, abordando questões sociais, filosóficas e políticas de seu tempo (Revista Medium, 2014)

Aristóteles, em sua "Poética"(335 a.C.), discute os elementos fundamentais do drama, como enredo, personagens, pensamento, linguagem e melodia, enfatizando a importância da imitação e da catarse emocional proporcionada pela experiência teatral. (Revista Medium, 2014)

No contexto educacional, a dramatização é frequentemente utilizada como uma ferramenta pedagógica poderosa. Jean Piaget (1969), renomado psicólogo do

desenvolvimento, defendeu que o jogo simbólico e a dramatização são formas essenciais através das quais as crianças exploram e internalizam conceitos e papéis sociais. O autor argumentava que ao assumir papéis e situações diferentes durante a dramatização, as crianças não apenas aprendem sobre o mundo ao seu redor, mas também desenvolvem habilidades cognitivas e sociais cruciais.

Lev Vygotsky (1960), outro teórico do desenvolvimento infantil, contribuiu significativamente para a compreensão da importância da dramatização na aprendizagem. Ele propôs que a brincadeira dramática é uma forma de atividade culturalmente enraizada na qual as crianças internalizam normas sociais, valores e comportamentos. Para Vygotsky (1960), a dramatização não é apenas uma imitação superficial, mas sim um processo de construção de significado e compreensão através da interação com os outros e com o ambiente.

Além da psicologia do desenvolvimento, a dramatização também desempenha um papel crucial nas artes cênicas contemporâneas. Bertolt Brecht (1919), dramaturgo alemão do século XX, revolucionou o teatro com suas técnicas de teatro épico, que buscavam provocar uma reflexão crítica no público em relação aos temas sociais e políticos apresentados. Em contraste com o teatro aristotélico tradicional, que enfatiza a catarse emocional e a identificação com os personagens, Brecht utilizava a alienação para distanciar o espectador da ação dramática, encorajando-o a adotar uma postura crítica e analítica em relação ao que estava sendo representado.

No campo da terapia, a dramatização é frequentemente usada como uma forma de expressão emocional e resolução de conflitos. Augusto Boal, criador do Teatro do Oprimido (1986), desenvolveu técnicas teatrais que capacitam os participantes a explorar e transformar suas realidades sociais através da representação dramática. Boal acreditava que o teatro poderia ser uma ferramenta poderosa para promover a conscientização política e social, capacitando os indivíduos a agir e a transformar suas comunidades.

Em resumo, a dramatização abrange uma ampla gama de aplicações, desde o teatro clássico até técnicas educacionais inovadoras e formas de terapia. Ela oferece um espaço seguro e criativo para explorar identidades, emoções e questões sociais através da representação de papéis e situações variadas. Ao longo da história, pensadores como Aristóteles (335 a. C.), Piaget (1969), Vygotsky (1960), Brecht (1919) e Boal (1986) contribuíram significativamente para a compreensão e o desenvolvimento dessa prática multifacetada, demonstrando seu potencial tanto como uma forma de arte quanto como uma ferramenta para o crescimento pessoal e social.

O filme “Ted Bundy: a irresistível face do mal.” (Berlinger, 2019) é um exemplo da articulação entre os aspectos teóricos tratados neste capítulo. Um crime real de violência contra as mulheres foi tirado do contexto jornalístico e inserido no contexto cinematográfico dentro de uma sociedade patriarcal e machista.

4 VIOLÊNCIA DE GÊNERO

Falar sobre violência de gênero é fundamental para compreender como a romantização do caso Ted Bundy reflete o contexto de violência contra as mulheres. Este contexto é propagado pela mídia por meio de discursos machistas e misóginos, naturalizando comportamentos violentos. A violência contra as mulheres é um problema complexo que afeta mulheres em todo o mundo e se manifesta de diversas formas: violência física, sexual, psicológica e econômica, além de ser amplamente reconhecida como uma violação dos direitos humanos.

Diversos autores já se ocuparam dessa reflexão, como por exemplo, o sociólogo Pierre Bourdieu (1998) também oferece essa linha de pensamento em seu trabalho sobre a violência de gênero. Ele argumenta que as estruturas sociais e culturais desempenham um papel crucial na manutenção da desigualdade de gênero e na legitimação da violência contra as mulheres. Bourdieu enfatiza como a dominação masculina é internalizada e perpetuada através de práticas simbólicas e culturais.

Para entender a magnitude desse problema, é essencial compreender que a violência contra as mulheres não é um fator isolado, mas sim resultado de estruturas sociais enraizadas. O patriarcado, um sistema de poder que privilegia os homens em detrimento das mulheres, desempenha um papel crucial nessa questão. Autoras como Simone de Beauvoir, em seu livro *O Segundo Sexo* (1949), e Carol Gilligan (1982), discutem a maneira como a sociedade perpetua estereótipos de gênero que normalizam a desigualdade e a violência contra as mulheres.

A Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher (CEDAW) define a violência de gênero como todo e qualquer ato de violência que se fundamenta no gênero possa resultar em lesão ou sofrimento físico, sexual ou psicológico para as mulheres. Esta definição inclui várias formas de violência, definindo que o conceito vai além do estereótipo constantemente representado. Esta Convenção é um instrumento jurídico crucial na luta contra a violência de gênero. Adotada em 1979, a CEDAW estabelece padrões e obrigações para os Estados no combate à discriminação e à violência contra as mulheres. No entanto, a implementação eficaz dessas normas ainda é um desafio em muitos países. As organizações não governamentais desempenham um papel importante na promoção dos direitos das mulheres e na luta contra a violência de gênero. A Anistia Internacional, por

exemplo, trabalha para responsabilizar os agressores de violência de gênero e para proteger as vítimas em todo o mundo.

O feminismo desempenha um papel fundamental na discussão sobre a violência contra as mulheres. Simone de Beauvoir (1949), autora feminista, argumenta que a opressão das mulheres é um fenômeno universal e que a violência é uma manifestação dessa extrema opressão. Beauvoir afirmou que as mulheres foram historicamente consideradas o "outro", em oposição aos homens, o que se tornou alvo de discriminação e violência.

Na obra *A Mística Feminina* (1963), Betty Friedan analisou o impacto da repressão das mulheres em suas vidas, argumentando que a conformidade com os papéis do gênero tradicional pode levar à frustração e ao sofrimento, contribuindo potencialmente para a violência doméstica.

bell hooks, em *O Feminismo é para todo mundo* (2018), destaca como o patriarcado perpetua a violência de gênero, reforçando a ideia de que as mulheres são propriedade dos homens e, portanto, podem ser controladas e maltratadas.

A violência contra as mulheres não é apenas um problema teórico; é uma realidade que afeta mulheres de todas as idades, raças, classes sociais e origens. Os dados de organizações como a ONU Mulheres e a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2021) revelam uma prevalência da violência do gênero. Uma pesquisa realizada pela instituição, mostra que uma em cada três mulheres em todo o mundo já sofreu alguma forma de violência, seja física, sexual ou psicológica.

Além disso, a violência doméstica é um dos tipos mais comuns de violência contra as mulheres. A psicóloga Lenore Walker (2009) descreve como o ciclo da violência se repete, com períodos de agressão intercalados com fases de reconciliação e calma, tornando difícil para as vítimas romper o ciclo.

A psicóloga social Susan Brownmiller (1975) abordou a história da violência sexual e como a sociedade frequentemente culpa as vítimas em vez de responsabilizar os agressores. A autora destacou como a violência sexual tem sido usada como uma arma de poder ao longo da história.

A violência contra as mulheres é uma realidade global que transcende barreiras culturais. As antropólogas Lila Abu-Lughod (1993) e Veena Das (2007), em seus estudos sobre a violência contra as mulheres, em diferentes contextos, questionaram como as normas culturais e as estruturas sociais podem perpetuar a violência, independentemente da cultura ou da geografia.

Para combater a violência contra as mulheres, a ação coletiva e a conscientização desempenham papéis fundamentais. A ativista e escritora Rebecca Solnit (2014) fala sobre como as vozes das mulheres têm sido sistematicamente desvalorizadas e ignoradas, mas enfatiza que as mulheres têm o poder de mudar essa realidade por meio da solidariedade e da expressão de suas experiências.

Outra figura importante na luta contra a violência de gênero é a ativista Malala Yousafzai, que sobreviveu a um ataque do Talibã por sua defesa da educação das meninas no Paquistão. Ela se tornou um símbolo global de resistência e importância da educação na promoção dos direitos das mulheres.(G1, 2017)

Além disso, a violência de gênero é amplamente perpetuada através das mídias e da cultura popular. A filósofa Martha Nussbaum (1999) argumenta que a representação de mulheres como objetos sexuais em filmes, música e publicidade contribui para a objetificação e, por consequência, para a violência contra as mulheres. Essa exploração midiática normaliza a violência de gênero e reforça estereótipos competitivos.

4.1 Violência de gênero nas mídias

A comunicação midiática desempenha um papel crucial na moldagem da opinião pública e na construção da realidade social. Quando se trata de violência contra mulheres, a mídia desempenha um papel ambíguo, pois tanto pode contribuir para a conscientização e a mudança social quanto pode perpetuar estereótipos específicos e desinformações. Como a autora Jean Kilbourne (1999) argumentou, a publicidade é um exemplo claro de como a mídia muitas vezes sexualiza e objetifica as mulheres, contribuindo para a cultura do estupro e a violência de gênero.

Um aspecto crítico da representação midiática da violência contra as mulheres é uma ênfase frequente dada às características das vítimas em vez dos perpetradores. Além disso, a mídia muitas vezes apresenta violência contra mulheres de maneira sensacionalista, buscando chocar o público para atrair mais audiência. Isso pode levar à exploração da dor e ao sofrimento das vítimas, o que é insensível e desrespeitoso. Pesquisas como o relatório da ONU sobre “O retrato das mulheres na mídia” destacam como essa abordagem pode tornar as mulheres mais vulneráveis à vitimização. (2017)

Os estereótipos de gênero desempenham um papel importante na representação da violência contra as mulheres na mídia. A psicóloga Jennifer Siebel Newsom, em seu documentário "Miss Representation" (2011), argumenta que a mídia muitas vezes retrata

mulheres como inferiores e dependentes dos homens. Isso perpetua a ideia de que a violência de gênero é aceitável.

Um outro ponto importante é que a mídia muitas vezes tende a enfatizar a vitimização de mulheres brancas de classe média, negligenciando as experiências de mulheres de diferentes raças, classes sociais e orientações sexuais. A autora bell hooks (2018), destaca como essa falta de representação pode marginalizar ainda mais as mulheres que já enfrentam múltiplas formas de discriminação.

A forma como a mídia cobre casos de violência contra mulheres também pode afetar a percepção pública do problema. A tendência de culpabilizar as vítimas, questionar seus comportamentos e destacar detalhes irrelevantes de suas vidas pessoais pode contribuir para a cultura do estupro e desencorajar as vítimas de denunciar os abusos. O sociólogo Jackson Katz (2006) , em seu trabalho sobre masculinidade tóxica, argumenta que a mídia muitas vezes coloca o foco errado ao examinar casos de violência, deixando de lado a necessária discussão sobre os agressores e os fatores que afetam seu comportamento.

Além dos problemas de representação, a mídia também pode ser uma ferramenta poderosa de conscientização e de promoção de mudanças. Campanhas como o movimento *#MeToo* tiveram um impacto significativo ao usar as redes sociais e a mídia tradicional para dar voz às vítimas e expor agressores (2018)

Ao falarmos de mídia como ferramenta de educação não podemos esquecer da importância da educação dos jornalistas sobre questões de gênero e violência contra as mulheres, que é fundamental para melhorar a cobertura midiática, e isso envolve entender os mitos e os estereótipos que cercam a violência contra as mulheres.

Mas como tudo isso está relacionado ao meu trabalho? Além do óbvio: Ted Bundy foi um serial killer que matou 37 mulheres na década de 70, foi romantizado pela mídia e condenado à cadeira elétrica; fazer um filme quase cinquenta anos depois com uma narrativa construída em cima da manipulação feminina e sexualização de um criminoso, nada mais é do que pura violência de gênero.

5 ANÁLISE “TED BUNDY: A IRRESISTÍVEL FACE DO MAL.” (BERLINGER, 2019)

Neste capítulo de análise separamos 21 cenas do filme “Ted Bundy: a irresistível face do mal.” de Joe Berlinger lançado em julho de 2019 e estrelado por Zac Efron e Lily Collins. A escolha das cenas se deu após assistir o filme 6 vezes e escrever quais emoções cada momento do filme me proporcionou, selecionando as emoções que mais se repetiam ou melhor exemplificavam o caso do Ted Bundy. Após a descrição das cenas escolhidas, identificamos a emoção acionada e ao final apresentamos um quadro comparativo e análise baseada nos assuntos teóricos tratados neste trabalho.

Iniciamos a análise pelo título- Ted Bundy, a irresistível face do mal: De acordo com o site Adoro Cinema (2024) o título original surgiu através da fala do juiz responsável pelo caso de Ted Bundy, que disse que os crimes cometidos foram “Extremamente perversos, chocantemente malignos e vis”, em inglês, “Extremely Wicked, Shockingly Evil and Vile”. Mas ao traduzir para o português o título se transforma em “Ted Bundy: a *Irresistível* face do mal” passando um sentimento de sexualização. Emoção acionada: Sexualização.

Partindo para o filme, a primeira cena selecionada tem início na minutagem 05 '49 " e vai até o minuto 06' 13". A cena mostra Ted Bundy (Zac Efron) preparando café da manhã para Liz (Lily Collins) e sua filha, após terem dormido juntos. A cena possui cores quentes, trilha sonora romântica e enquadramentos fechados focando nos rostos de Ted e Liz que aparentam estarem se apaixonando. Emoção acionada: Romantização.

Na segunda cena selecionada, que começa em 06' 35" e termina em 07' 25" é mostrado várias memórias felizes de Ted com sua namorada Liz e sua enteada Molly (Ava Inman), intercalando com recortes de reportagens sobre os desaparecimentos que estão acontecendo na cidade, enquanto ao fundo uma trilha sonora suave toca em segundo plano. A cena demonstra a dualidade entre o humano, representando Ted como bom namorado e padrasto, e o sequestrador que acometeu várias vítimas. Emoção acionada: Humanização.

Seguindo temos a terceira cena, que se inicia em 09' 02" indo até 10' 53", e mostra que após ser preso suspeito dos sequestros, Ted é liberado e retorna para casa de sua namorada Liz, que descobre sobre a prisão através de um jornal. A cena se intercala com os momentos na delegacia onde Ted é interrogado e seu advogado consegue fiança. Ao ser questionado por Liz, Ted rapidamente se defende alegando que tudo não passa de um mal entendido e que estão armando para ele parecer culpado, em seguida muda o foco da conversa com promessas futuras e ações de afeto com sua enteada. Essa cena ilustra o poder de manipulação que Ted tinha sobre as pessoas. Emoção acionada: Manipulação.

A próxima cena começa em 14' 47" e vai até 15' 16", nessa cena Liz está dormindo quando é acordada por um flash de luz em seu olho, levantando assustada se depara com Ted se preparando para o julgamento, ao perceber que acordou sua namorada ele resolve pedi-la em casamento. A cena é gravada no quarto do casal, com os dois deitados sobre a cama, sob meia luz e enquadramentos fechados focados nos rostos dos personagens, passando assim uma sensação de romantização. Emoção acionada: Romantização.

Na quinta cena, com marcação na minutagem 15' 18" até 16' 05", após uma passagem de tempo, indicada por legendas, Ted se encontra com seu advogado no primeiro dia de julgamento e durante a conversas dos dois, por não ser possível saber o que se passa nos pensamentos do personagem, realmente cria a dúvida para o público se Ted é culpado ou não, já que o mesmo parece genuinamente surpreso com as acusações. Emoção acionada: Dúvida.

Prosseguindo, temos a sexta cena selecionada, 20' 34" até 21' 50", que possui luzes fracas, cores quentes e trilha sonora animada, mostra momentos românticos entre o casal enquanto há o consumo de bebidas alcoólicas e pequenos recortes de nudez parcial enquanto ambos se dirigem para a cama. Emoção selecionada: Sexualização.

Na sétima cena, 23' 01", apesar de ser o momento da prisão do Ted após a condenação por sequestro, e não um momento romântico, há nesse instante uma cena de nudez. Vale ressaltar que o verdadeiro Ted Bundy foi extremamente sexualizado pela mídia e nessa cena em específico a nudez em nada acrescenta para a narrativa. Emoção acionada: Sexualização.

Na oitava cena selecionada, 33' 05" até 34' 19", após outra passagem de tempo, Ted, que já se encontra preso suspeito de assassinato pelo Estado do Colorado, está sendo entrevistado dentro da cadeia, ao mesmo tempo há recortes de Liz em sua casa aparentando cansaço. Essa cena é importante por dois motivos: mostrar o quanto o caso foi midiático e mostrar a mudança no comportamento de Liz, que além de cansada faz uso de tabaco e já não se comunica com Ted com a mesma fé de antes. Emoção acionada: Dúvida.

A nona cena (35' 02" até 38' 07") mostra a fuga de Ted, que escapou do tribunal durante o intervalo de uma das sessões de seu julgamento. Ted fingiu fazer uma ligação para Liz e se aproveitou de um momento de distração para pular pela janela da corte, movimento que ele vinha treinando em sua cela, e depois de alguns quarteirões mudou de roupa, mostrando que a fuga foi premeditada. Essa é mais uma cena que mostra a inteligência e o poder de manipulação do personagem, portanto, a emoção acionada é: Manipulação.

Na décima cena, 38' 23" até 39' 37", Liz é questionada sobre seu consumo excessivo de álcool e sobre o motivo de permanecer com Ted em meio a toda situação, e ao responder ela diz "Quando sinto o amor dele, me sinto no topo do mundo, e quando eu não sinto, sinto

que eu não sou nada. E se a única culpa dele foi ter passado o sinal de ‘pare’?”. Essa fala mostra o poder que Ted tem sobre Liz, e também a emoção aqui passada: Manipulação.

A próxima cena selecionada, 45’ 56” até 48’ 04” mostra Ted Bundy escapando da prisão e, em sequência, o detetive do caso indo até a casa de Liz buscar por informações do fugitivo e tentando alertá-la sobre os crimes cometidos por Ted. Liz se mantém irredutível e ainda acredita na inocência dele, mostrando mais uma vez o quão manipulador Ted Bundy foi. Emoção acionada: Manipulação.

A décima segunda cena, de minutagem 48’ 09” até 49’ 22” passa recortes de reportagens televisivas sobre os crimes brutais de assassinato, dessa vez na Flórida, estado para o qual Ted Bundy foi após escapar da prisão. Emoção acionada: Violência.

Já na décima terceira cena selecionada, 50’ 33” até 51’ 05” após ser preso novamente, na Flórida, Ted entra em contato com Liz para contar sobre sua prisão e afirmar mais uma vez sobre sua inocência, antecipando para a namorada que tudo o que sair na mídia é mentira. Emoção acionada: Manipulação.

A próxima cena escolhida, 52’ 29” até 53’ 53”, vemos o xerife da cidade de Tallahassee (Flórida) lendo o indiciamento de Ted Bundy na frente da imprensa, enquanto Ted debocha, sorri e se declara inocente perante as câmeras. Emoção acionada: Manipulação.

Na décima quinta cena, 54’ 44” 56’ 19”, após inúmeras tentativas não sucedidas de entrar em contato com Liz, Ted decide chamar uma antiga amiga: Carole Ann Boone. Ted rapidamente consegue convencê-la de sua inocência, mostrando mais uma vez seu poder de manipulação. Emoção acionada: Manipulação.

Partindo para a décima sexta cena, 60’ 33” até 61’ 47”, que mostra o começo do julgamento de Ted Bundy, no estado da Flórida, e como o mesmo contava com 250 repórteres e 1 câmera de transmissão ao vivo. Nessa cena é possível ver como Ted consegue cativar o público causando risadas com suas falas irônicas. É importante ressaltar que Liz não compareceu ao primeiro dia de julgamento, mas Carole Ann sim. Emoção acionada: Grandeza.

Na próxima cena, 61’ 55” até 63’ 47”, durante o julgamento, são descritos alguns dos crimes violentos dos quais Ted Bundy foi acusado, intercalando com imagens de Liz assistindo pela TV enquanto fuma um cigarro e chora. Nesse momento a sensação passada é que Liz está começando a acreditar que Ted é culpado. Emoção acionada: Violência.

A décima oitava cena selecionada, 63’ 57” até 64’ 26”, é composta por uma reportagem televisiva que conta com várias mulheres jovens contando porque se sentem tão atraídas em ir assistir o julgamento de Bundy, sendo a maioria dos motivos descritos a

aparência dele. Na reportagem também é passado um psicólogo dizendo que acredita que o que essas mulheres sentem por Ted é atração sexual. Essa parte do filme representa toda sexualização e romantização que houve em torno do caso real. Emoção acionada: Sexualização.

A próxima cena selecionada, 64' 31" até 65' 01", mostra Bundy planejando com sua nova namorada Carole Ann o que ela deveria dizer para a mídia em uma tentativa de limpar a imagem dele, mostrando como Ted consegue ser manipulador e estrategista. Emoção acionada: Manipulação.

A vigésima cena, 76' 41" até 78' 48", é uma cena de sexo explícito entre Bundy e Carole Ann, contendo nudez parcial do personagem de Ted. Ainda nessa cena Carole Ann é pedida em casamento após questionar Bundy sobre seus sentimentos por Liz, clássico movimento de manipulação. Vale ressaltar que Ted Bundy pediu Carole Ann oficialmente em casamento durante uma audiência do seu julgamento. Emoções acionadas: Sexualização e manipulação.

A última cena selecionada, 92' 23" até 99' 11", mostra que após 10 anos esperando pelo cumprimento de sua sentença de morte, Ted Bundy decide se declarar culpado de outros assassinatos para ganhar mais tempo, quando recebe uma visita de Liz. Durante a conversa, Liz confessa ter sido ela quem entregou seu nome para polícia logo nos primeiros casos, e diz ter passado muitos anos se sentindo culpada pelo feito. Liz implora para que Ted conte a verdade para ela e, após mostrar uma foto, ele finalmente confessa o que fez com uma de suas vítimas. Essa é a única cena que mostra Ted Bundy cometendo um crime, somente nesse momento é mostrado a verdade. Emoção acionada: Violência.

Quadro 2: Resumo da análise

Descrição das cenas	Inventário de emoções acionadas nas cenas
Título	Sexualização
Cena 1	Romantização
Cena 2	Humanização
Cena 3	Manipulação
Cena 4	Romantização
Cena 5	Dúvida
Cena 6	Sexualização
Cena 7	Sexualização
Cena 8	Dúvida
Cena 9	Manipulação
Cena 10	Manipulação
Cena 11	Manipulação
Cena 12	Violência
Cena 13	Manipulação
Cena 14	Manipulação
Cena 15	Manipulação
Cena 16	Grandeza
Cena 17	Violência
Cena 18	Sexualização
Cena 19	Manipulação
Cena 20	Sexualização e manipulação
Cena 21	Violência

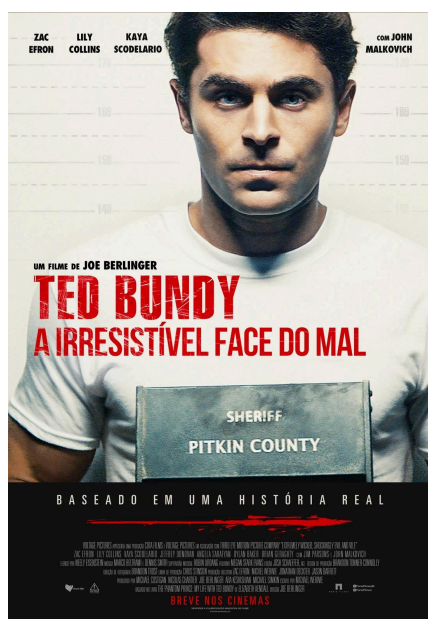
Fonte: elaborado pela autora

Começando pelo título e sua tradução podemos observar uma jogada de interesses e lucros. A teoria do Newsmaking (PENNA, 2005) que coloca o fazer jornalístico como um processo industrial nos dá base para comparar o fazer cinematográfico da mesma forma, ou seja, mais uma produção dentro de uma indústria com dezenas de produções por ano, levando em consideração as tendências do momento e visando o lucro. A visão do lucro pode ser vista,

também, na escolha para o elenco, Zac Efron foi o símbolo de beleza de toda uma geração com seu personagem de High School Musical ⁶. Já a atriz e escritora Lily Collins, além de grandes sucessos durante sua carreira, é filha de Phil Collins ganhador de 3 prêmios Grammys.

A tradução do título também representa a sexualização de Ted Bundy, já que na versão original, em inglês, o título é “Extremely Wicked, Shockingly Evil and Vile”, uma frase dita pelo juiz do caso, com tradução livre para “Extremamente maldoso, chocantemente maligno e vil”, mas que para o português se transforma em “A irresistível face do mal”. De acordo com o dicionário do Google o significado de irresistível⁷ é aquele cuja força ou sedução não há como resistir, e quando analisamos esse significado em conjunto com toda a midiatização e romantização que o Ted Bundy teve na década de 70, podemos concluir que a escolha desta palavra em específico é uma forma de sexualização.

Imagem 1: cartaz do filme



Fonte: google imagens

Partindo para as cenas, das 21 cenas escolhidas, 8 representam a manipulação de Ted Bundy sobre as situações e 7 representam a sexualização e romantização de um *Serial Killer*. Uma das cenas de sexualização foi a vigésima cena escolhida, que acontece aos 76' e 41", e é uma cena de sexo explícito onde há cenas parciais de nudez somente do personagem do Ted Bundy, e ainda não acrescenta em nada na narrativa do filme. Simone de Beauvoir (1949) fala sobre a perpetuação de estereótipos machistas na sociedade e várias cenas desse filme

⁶ Elenco de High School Musical <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-124065/creditos/>

⁷ Significado de irresistível

https://www.google.com/search?q=significado+de+irresist%C3%ADvel&oq=significado+de+irres&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUqBwgFFAAYgAQvBggAEEUYOTIHCAEQABiABDIHCAIQABiABDIHCAMQABiABDIHCAQQABiABDIHCAUQABiABDIHCAYQABiABDIJCACQABgKGAEMgcICBAAGIAE0gEKMTIxNThqMGoxNagCCLCAQ&sourceid=chrome&ie=UTF-8

representam isso, por mais que elas retratem um caso real, o ato de transformar isso em um enredo de cinema é uma forma de violência contra as mulheres. Ao colocar no filme cenas de nudez e sexo explícito envolvendo um personagem como Ted Bundy é quase uma forma de trazer para a realidade uma fantasia criada pela mídia 50 anos atrás, quando os crimes aconteceram.

Vimos anteriormente que Postman (1985), ao falar sobre o infotimento, argumenta que a sociedade contemporânea está cada vez mais imersa no entretenimento, em detrimento da informação séria, destacando o papel da televisão, em apresentar informações de maneira envolvente, mas muitas vezes superficial. Por exemplo, na oitava cena escolhida (33' 05"), é mostrado o Ted Bundy sendo entrevistado dentro da prisão, algo que de fato aconteceu. Já na décima sexta cena escolhida (60' 33"), cena do julgamento de Ted, é nos mostrado que durante todo o julgamento haviam 250 repórteres e 1 câmera de transmissão ao vivo, outro fato verdadeiro sobre o caso, mas mesmo com esses pontos o foco principal do filme continua sendo os relacionamentos amorosos de Ted Bundy. Ou seja, o filme, apesar de se atentar a detalhes verídicos do caso, tem o foco maior na vida romântica de Ted Bundy, demonstrando exatamente o que Postman (1985) quis dizer: trazer a informação de maneira envolvente e superficial.

O enredo do filme, com foco no romance de Ted Bundy e Liz, também foi construído para que o espectador não soubesse quem estava falando a verdade: a polícia ou Ted Bundy. No decorrer das cenas não é mostrado as violências cometidas pelo *serial killer*, nem o processo de investigação, tudo o que se sabe sobre os crimes (no início) só é visto através de recortes de reportagens. No capítulo sobre dramatização, vimos que é um processo que permite aos participantes explorar e expressar emoções, ideias e narrativas proporcionando uma experiência imersiva tanto para quem atua quanto para quem assiste (ALMEIDA, 2013). Ao manter o suspense sobre o que de fato aconteceu, o filme permite que o espectador se aproxime de Liz e o que ela sentiu, ou seja, a dúvida.

Em relação aos sentimentos da personagem, na vigésima primeira cena selecionada (minuto 23' 01"), Liz visita Ted Bundy na cadeia poucos dias antes do cumprimento da sentença de morte e confessa ter sido ela quem entregou o nome dele para a polícia no começo das investigações. Nessa cena ela diz sobre toda a culpa que ela sentiu por muitos anos acreditando que tudo o que Ted estava passando era por culpa dela, e que talvez ele fosse inocente. Em seu artigo, Arruda e Luz (2013) diz que a mulher, por crescer em uma sociedade fundamentada nas raízes machistas, é treinada para sentir culpa, e dessa forma mesmo quando é vítima de violência é levada a acreditar que é culpada pela situação, quase

como uma ação de causa-consequência. É essa emoção que é passada nessa cena, uma mulher vítima de violência passou anos acreditando ser a culpada por tudo o que um psicopata estava passando.

Além disso, a vigésima primeira cena selecionada (23' 01'') é a única cena de violência explícita em todo o filme, com flashbacks do que aconteceu com a primeira vítima de Ted Bundy, e ao mesmo tempo, é uma cena onde representa toda a violência emocional que Liz sofreu ao ficar ao lado de Ted por muito tempo. Beauvoir (1949) afirma que as mulheres foram historicamente consideradas o "outro", dentro desse contexto, levando em consideração essa cena em específico, podemos ver como a Liz foi tratada como "o outro": a oposição do Ted Bundy, representando a inocência que ele nunca teve.

O relacionamento entre os personagens de Ted Bundy e Liz é um clássico exemplo de um relacionamento abusivo. No decorrer do filme são acionadas emoções de manipulação, romantização, sexualização e dúvida. Sempre que Liz tentava se afastar, Ted sabia o que dizer, o que fazer e como agir para manter ela por perto, e no momento em que percebeu não conseguir mais exercer poder sobre ela, achou uma outra namorada, que usou a seu favor para melhorar a imagem dele na mídia. Não mostrar o personagem do Ted Bundy cometendo violências físicas até o último momento, mas mostrar seu lado humano e cativante é uma dramatização clara do que aconteceu na década de 70: um *serial killer* romantizado e 37 vítimas banalizadas.

Jean Piaget (1969) diz que a dramatização é uma ferramenta poderosa no contexto educacional, então quando um caso criminal é retirado do seu contexto jornalístico de origem e inserido em um contexto cinematográfico dramatizado transmitindo sensações de sexualização e romantização, o papel educacional é totalmente distorcido se tornando uma forma de violência de gênero. Quando colocamos a dramatização como ferramenta social educacional, escolher romantizar e sexualizar um assassino em série é violência de gênero.

O filme "Ted Bundy: a irresistível face do mal." (BERLINGER, 2019) contém excelentes atores, boa fotografia e uma ótima escolha para a trilha sonora, mas não deixa de ser uma dramatização de um caso real. Um enredo construído em cima da imagem romantizada de um *Serial Killer* que assassinou e estuprou 37 mulheres na década de 70, portanto, uma forma de violência contra as mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo geral de compreender como a dramatização do true crime pode se converter em uma forma de violência contra mulheres e tendo como objeto de pesquisa o filme “Ted Bundy: a irresistível face do mal.” (Berlinger, 2019), foram selecionadas 21 cenas e o sentimento que as mesmas produzem, e posteriormente analisadas com base nas questões teóricas aqui apresentadas: dramatização, teoria do newsmaking e violência de gênero.

O trabalho foi construído com os objetivos específicos de estudar a teoria do true crime no intuito de entender sua popularização nas mídias; compreender a teoria do infotimento; entender como a dramatização do true crime é uma forma de violência contra a mulher; abordar, de forma teórica a violência contra as mulheres, numa abordagem de realações de gênero; selecionar e analisar cenas do filme Ted Bundy: a irresistível face do mal (Berlinger, 2019) que apresentem aspectos de banalização e romantização da violência contra mulheres; e, por fim, sistematizar elementos da dramatização e dos sentidos produzidos nas cenas analisadas.

Vimos que o True crime exerce poder de fascínio sobre o público e o infotimento surge ao criar maneiras envolventes e superficiais de passar informações. Além disso, foi apresentado como a mídia ao mesmo tempo que serve para alertar e informar sobre a violência de gênero, serve também para corroborar com os rótulos já existentes.

Entendemos que sexualizar e romantizar um criminoso, além de normalizar a violência por ele cometida, também serve para reforçar estereótipos machistas enraizados na nossa sociedade. Se a dramatização pode ser usada como ferramenta de educação, escolher o que e como deve ser transformado em enredo faz parte do processo educacional.

O tema tratado neste trabalho é delicado e ainda pode gerar muitos aprofundamentos e aprendizados, a violência de gênero é um problema existente na nossa sociedade que ainda está longe de acabar, é através de estudos como este que podemos começar discussões e trazer questionamentos para trabalhos futuros. O jornalismo desempenha um papel fundamental nesse cenário, servindo de educador social ao alertar e questionar a população sobre a violência de gênero.

REFERÊNCIAS

- ARAGONE, G. de A. (2022). **O consumo também é em série: a figura do Serial Killer como produto midiático.** *Anagrama*, 16(2)
- AXEL BRUNS. **Gatewatching revisited news curation in the social media age.** [s.l.] New York Peter Lang, 2017.
- BOURDIEU, P.; MARIA HELENA KUHNER. **A dominação masculina.** Rio De Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.
- BRASIL, Michelle Marinho et al. **Feminicídio: uma análise sociológica a partir das percepções e discursos dos usuários da mídia e das redes sociais.** 2021
- BROWNMILLER, S. **Against Our Will: Men, Women and Rape.** New York: Simon and Schuster, 1975.
- Casos de feminicídio aumentaram 43,3% em São Paulo em 2022.** Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/07/casos-de-feminicidio-aumentaram-433-em-sao-paulo-em-2022.shtml>. Acesso em 07/09/2023
- EBENHOCH, K. **Jackson Katz flips the narrative on gender violence.** Disponível em: <https://www.spectatornews.com/campus-news/2020/03/jackson-katz-flips-the-narrative-on-gender-violence/>. Acesso em 01/10/2023
- FRIEDAN, B.; QUINDLEN, A. **The feminine mystique.** New York ; London: Norton, 1997.
- GANS, H. J. **Deciding what's news.** New York: Random House, 1979.
- GILLIGAN, C. **In a Different Voice: Psychological Theory and Women's Development.** Cambridge ; London: Harvard University Press, 1982.
- Goffman, E. *Frame analysis: An essay on the organization of experience.* Harvard University Press. (1974).
- HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019
- MABÊ; RODRIGUES, B.; MOREIRA, C. **Ted Bundy: a glamourização do serial killer.** Modus Operandi, Globoplay, 1 jan. 2020. Disponível em: <https://www.modusoperandipodcast.com/episodios/ep-4sdfg> Acesso em 23/08/2023
- McCombs, Maxwell E., and Donald L. Shaw. "The Agenda-Setting Function of Mass Media." *The Public Opinion Quarterly* 36, no. 2 (1972)
- MINAS, C. P. **Fenômeno, produção e ética: desvendando o gênero True Crime.** Disponível em:

<https://blogfca.pucminas.br/colab/fenomeno-producao-e-etica-desvendando-o-genero-true-crime/>. Acesso em 17/10/2023

MIRANDA, Carolina Telles. **Simpatia pelo diabo: um estudo da relação entre mídia, fascínio e crime no Brasil**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação-Jornalismo)-Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023

NEWSON, J. S. **Miss Representation Extended Trailer**. 2011. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=a8SfHcf_pvM. Acesso em 05/11/2023

ONU: mais de 81 mil mulheres foram assassinadas em 2021, diz relatório. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2022-11/onu-mais-de-81-mil-mulheres-foram-assassinadas-em-2021-diz-relatorio#:~:text=Um%20novo%20relat%C3%B3rio%20da%20Organiza%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 14/11/ 2023.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. Contexto, 200

PEREIRA, P. P. G. **Violência, gênero e cotidiano: o trabalho de Veena Das**. Cadernos Pagu, n. 35, p. 357–369, dez. 2010.

Quem é Dennis Rader, serial killer que se autodenominava “Assassino BTK”. Disponível em:

<https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2019/09/quem-e-dennis-rader-serial-killer-que-se-autodenominava-assassino-btk.html>. Acesso em 14/11/2023

RULE, A. **Ted Bundy: Um Estranho ao Meu Lado**. Darkside. 2019.

SANDRATONSA. Sandra Tonsa - **Psicóloga: O Ciclo da Violência CONTRA a Mulher**. Disponível em: <https://psicologiaautoestimaebela.blogspot.com/2012/02/o-ciclo-da-violencia-contra-mulher.html>. Acesso em: 15/11/ 2023.

Serial killer que matou 49 mulheres diz se arrepender de não ter feito mais uma vítima.

Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/mundo/serial-killer-que-matou-49-mulheres-diz-se-arrepender-de-nao-ter-feito-mais-uma-vitima-22323789.html>. Acesso em: 22/10/ 2023.

SIMONE DE BEAUVOIR. **O segundo sexo**. Rio De Janeiro (Rj): Nova Fronteira, 1980.

SOLNIT, R. **Os homens explicam tudo para mim (resumo)**. [s.l.] Editora Pensamento, 2022.

Spotify Disponível em: <https://www.spotify.com/br-pt/free/>. Acesso em: 14/11/2023.

Ted Bundy, o anjo da morte | Canal Ciências Criminais. Disponível em: <https://canalcienciascriminais.com.br/ted-bundy-o-anjo-da-morte/>. Acesso em 28/09/2023

Tuchman, Gaye. “**Making News by Doing Work: Routinizing the Unexpected.**” *American Journal of Sociology* 79, no. 1 (1973)

Tratado Internacional - **Convenção sobre a eliminação de todas as formas de Discriminação contra a Mulher.** Disponível em:

<https://www.pge.sp.gov.br/centrodeestudos/bibliotecavirtual/instrumentos/discrimulher.htm>

. Acesso em 28/09/2023

VIBETHEMES. **Mulheres e mídia é a esfera que apresenta maior número de “tarefas pendentes”, diz ONU Mulheres a entidades filiadas à Associação Internacional de Radiodifusão** – ONU Mulheres. Disponível em:

<https://www.onumulheres.org.br/noticias/mulheres-e-midia-e-a-esfera-que-apresenta-maior-numero-de-tarefas-pendentes-diz-onu-mulheres-a-entidades-filiadas-a-associacao-internacional-de-radiodifusao/>. Acesso em: 25/09/2023.

“**Wandinha**” se torna a 3a série de língua inglesa mais assistida da Netflix. Disponível em:

<https://www.estadao.com.br/emails/tv/wandinha-se-torna-a-3-serie-de-lingua-inglesa-mais-assistida-da-netflix/>. Acesso em: 17/11/2023.

WERWIE , M. (ED.). **Ted Bundy: a irresistível face do mal.** Netflix, 3 maio 2019.

WOLF, M. **Teorias da comunicação.** Lisboa: Presença, 1985.

DA SILVA ARRUDA, Jocelaine Espindola; DA LUZ, Nanci Stancki. **MULHER VÍTIMA DE VIOLÊNCIA: DESBRAVANDO AS RAZÕES DA CULPA FEMININA.**